

Tradições religiosas, filosofias e história: uma introdução ao Hinduísmo por Hillary Rodrigues.

Matheus Landau de Carvalho*

RODRIGUES, Hillary. **Introducing Hinduism**. New York: Routledge, 2006, 388p.

Publicado pela Routledge em 2006, *Introducing Hinduism* é uma obra da indiana Hillary Rodrigues, professora de graduação na Universidade de Lethbridge, Canadá, destinada a todos que se interessam pelo estudo do Hinduísmo, independentemente da profundidade do conhecimento prévio sobre as realidades que lhes são circunscritas. Ao longo de dezessete capítulos, a autora lança mão de fontes religiosas, historiográficas, linguísticas, sociológicas, literárias, arqueológicas, mitológicas, geográficas, biográficas, artísticas e antropológicas, deixando claro, já no Prefácio, sua refração ao excesso ou à escassez de informação sobre os temas em questão, expondo os motivos pelos quais optou pela adoção de diacríticos ao longo de toda a obra, assim como de termos originais na tradução de trechos e frases de textos sagrados indianos.

Após uma nota de transliteração e algumas diretrizes preliminares sobre pronúncia de termos sânscritos, a autora apresenta a etimologia do termo “Hinduísmo” e das dificuldades não só de defini-lo com precisão, mas também dos critérios que fazem de alguém um hindu ou não. Hillary descreve brevemente a distribuição de hindus pelo mundo, a fauna, a flora e as características geográficas da Índia, discorre sobre o histórico da arqueologia na região, os aspectos urbanísticos e culturais da Civilização do Vale do Indo, e as controvérsias circunscritas à Tese da Migração Ariana e à Hipótese da Difusão Cultural. Em seguida a autora apresenta não só a relação entre culturas *āryas* e não-*āryas* com os processos de “universalização” e “sanskritização”, assim como o que acredita ser os três componentes que sempre formaram o Hinduísmo enquanto uma dinâmica complexa de interações sócio-culturais. A autora conclui com um breve histórico do Hinduísmo, destacando seus fatos políticos e religiosos de maior impacto.

* Bacharel e Licenciado em História com Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Especialista (2010) e Mestre (2013) pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), pela mesma Universidade.

No primeiro capítulo, *Vedic religion [Religião védica]*, Rodrigues apresenta as principais características estruturais e textuais das quatro tradições ritualísticas dos *Vedas* – *Rgveda*, *Yajurveda*, *Sāmaveda* e *Atharvaveda* –, assim como o conteúdo e propósito não apenas dos gêneros textuais que as compõem – os *Brāhmaṇas*, os *Āraṇyakas* e as *Upaniṣads* –, mas também dos seus dois principais tipos de ritual védico (*yajña*), a saber, *śrauta* e *grhya*. Hillary também aponta para especulações já realizadas, segundo a linguística comparada, acerca das divindades védicas de acordo com suas características mitológicas, e aborda as naturezas ontológicas inerentes às concepções de *ātman*¹ e *Brahman*², as diferentes prerrogativas implícitas nas categorias textuais/praxiológicas de *śruti*³ e *smṛti*⁴ e seus desdobramentos, como a astrologia hindu (*jyotiṣa*), e descreve brevemente os principais aspectos da medicina hindu (*āyurveda*).

No segundo capítulo, *Karma and cosmology [Karma e cosmologia]*, a autora aponta para os cálculos e os sentidos cosmológicos da concepção hindu de tempo, e também para a convivência dos tradicionais calendários solar e lunar com o recém-criado calendário hindu, bem como suas respectivas naturezas, na Índia pós-colonial. Hillary descreve as principais narrativas cosmogônicas das tradições hindus, as dimensões especulativas e pragmáticas das doutrinas do *karma*⁵ e *saṃsāra*⁶, e aponta para as origens sociais e diferentes termos usados para designar uma busca espiritual última enquanto conhecimento da natureza fundamental do Si-Mesmo, que suspende toda e qualquer busca objetiva (mundana ou transcendente), expressa na concepção de *mokṣa*.

¹ A alma eterna e individual, considerada a partir do caráter, temperamento peculiar ou disposição pessoal.

² O Supremo Ser, considerado como impessoal e destituído de qualificativos e ação, sendo causa material e eficiente do universo sensorialmente perceptível.

³ *Corpus* de ensinamentos de transmissão discipular que se constitui nos alicerces das tradições religiosas do Hinduísmo e propicia uma relação direta e imediata com o conhecimento e a experiência contidos nos textos fundamentais das quatro tradições ritualísticas e filosóficas dos *Vedas* – *Rgveda*, *Yajurveda*, *Sāmaveda* e *Atharvaveda* –, refletidos em quatro dimensões textuais, a saber, os *Mantras*, os *Brāhmaṇas*, os *Āraṇyakas* e as *Upaniṣads*.

⁴ Categoria de textos que estabelecem uma relação preliminar e mediada com o conhecimento védico, constituindo um *corpus* de ensinamentos que serviriam como um encaminhamento introdutório ao *Śruti*, apesar de não o constituírem e serem considerados como secundários em autoridade.

⁵ *Karma* pode ser qualquer ação resultado de uma iniciativa ou, mais especificamente, a realização de um ritual religioso enquanto uma dinâmica distinta da especulação religiosa sobre *Brahman*. Sua realização também é responsável pela produção de objetos transcendentais com consequências existenciais numa outra vida da respectiva alma eterna e transcendental.

⁶ Ciclo de repetidos nascimentos e mortes inseridos numa pluralidade de estágios transmigratórios que se interrelacionam através de um princípio de causa e efeito no qual as ações praticadas numa existência herdaram consequências de ações de existências anteriores, podendo também produzir consequências para existências vindouras da alma hindu.

No terceiro capítulo, *Hindu social organization and values* [Organização social e valores hindus], a autora aponta para a natureza polissêmica do termo *dharma*⁷ e as funções da categoria textual sânscrita dos *Dharmaśāstras*⁸, explicando a distinção entre duas categorias sócio-ocupacionais hierárquicas do Hinduísmo, *varṇa* e *jāti*, segundo suas dimensões religiosas e seculares, bem como suas relações com os *Dharmaśāstras*. Hillary discute critérios de mobilidade e realidades ocupacionais e rituais das *jātis* ao longo da história, assim como as condições socialmente desprivilegiadas atribuídas aos “intocáveis” há milênios na Índia e sua situação atual. A autora aponta para as maneiras pelas quais critérios de pureza e poluição são estabelecidos na sociedade hindu, ilustrados pelo caso dos *brāhmaṇas Haviks* de Mysore, e descreve situações nas quais a auspiciosidade é relacionada com concepções cosmológicas, comportamentos religiosos e interações sociais.

Depois de mencionar a proeminência de *dharma*, de *mokṣa* e a significância dos ritos hindus de passagem (*samskāras*) na vida dos hindus praticantes, Rodrigues apresenta, no quarto capítulo, *Dharma and the individual* [Dharma e o indivíduo], a função, a ortopraxia, as implicações seculares e espirituais, e algumas realidades pós-coloniais do rito de iniciação (*upanayana*) e de outros rituais da fase de aprendizagem de um menino hindu, dos ritos dos diferentes matrimônios e rituais da vida conjugal, e dos rituais fúnebres do Hinduísmo. Em seguida, descreve e explica as dinâmicas ortodoxas e ortopráticas dos estágios de vida (*āśramas*) e algumas de suas características atuais, apontando para a presença da mulher na história do Hinduísmo, os costumes circunscritos à auspiciosidade e às observâncias de votos ascéticos por mulheres hindus, assim como para as implicações familiares de *pativrata* num

⁷ Dentre outros sentidos, *dharma* pode designar o sustentáculo cosmogônico primevo estabelecido pelos deuses ao se separar e conseqüentemente sustentar o céu e a terra e instituir a ordem cósmica, ou também uma das quatro aspirações fundamentais da condição existencial humana (*puruṣārthas*) postuladas por tradições do Hinduísmo, relativa ao cumprimento de condutas éticas e injunções rituais no que diz respeito aos direitos e deveres prescritos às estratificações sócio-ocupacionais (*varṇas*) e às etapas de vida (*āśramas*), que servem como regras para a orientação social e espiritual da comunidade em sua perspectiva mais ampla. O cumprimento do *dharma* através da obediência aos deveres éticos e a realização de rituais por parte do indivíduo constitui causa instrumental na produção de objetos transcendentais de fruição numa outra vida.

⁸ Antigos tratados em sânscrito registrados de forma poética que suplementam e explicam as determinações ou proibições contidas nos *Vedas* através de um conjunto de códigos sociais, éticos, políticos e religiosos que contêm leis, regras e diretrizes para as vidas social, familiar e individual dos seguidores da cultura védica, cuja ênfase repousa sobre dimensões religiosas e seculares do *dharma*.

matrimônio hindu, o sentido ritual do *satī* e seus impactos jurídicos e sociais ao longo da história indiana.

A autora traça, no quinto capítulo, *The Sanskrit language [A língua sânscrita]*, um ligeiro histórico do sânscrito e sua inserção na grande família linguística indo-europeia. Hillary dedica um breve espaço a Pāṇinī e sua gramática sânscrita *Aṣṭādhyāyī*, assim como à maneira pela qual os gramáticos Patañjali e Bhartṛhari desenvolveram a teoria *sphoṭa* da linguagem. Por fim, trabalha a relação intrínseca existente entre a dimensão fonético-semântica dos *mantras* com a metafísica religiosa hindu.

No sexto capítulo, *Indian philosophical schools [Escolas filosóficas indianas]*, Rodrigues enuncia a diferença entre sistemas filosófico-religiosos (*darśanas*) considerados ortodoxos (*āstika*) e heterodoxos (*nāstika*) por uma ortodoxia brāhmaṇica, apresentando aspectos históricos, doutrinários e práticos dos seguidores do Jainismo, do Budismo e do Cārvakā, assim como do Saṅkhya, do Yoga, do Nyāya, do Vaiśeṣika e do Mīmāṃsā, com destaque para o *Yoga Sūtra* redigido por Patañjali e o desafio na tradução de termos sânscritos para línguas ocidentais modernas.

No sétimo capítulo, *The Epics (Itihāsa) [Os Épicos (Itihāsa)]*, a autora apresenta os gêneros textuais, as estilísticas, os enredos e as controvérsias identificados nos dois grandes épicos hindus, o *Rāmāyaṇa* e o *Mahābhārata*, ao longo do tempo, assim como a maneira pela qual priorizam o *dharma* vinculado a preocupações típicas dos *kṣatriyas*⁹ no Hinduísmo.

No oitavo capítulo, *The Bhagavad Gītā and the rise of bhakti [A Bhagavad Gītā e a ascensão de bhakti]*, Hillary aborda como a *Bhagavad Gītā* é o resultado de uma reconciliação bem sucedida de tensões entre várias correntes religioso-filosóficas que lhe antecedem segundo suas origens sociais e suas perspectivas de realização existencial do indivíduo de acordo com o conhecimento transcendental (*jñāna yoga*), a ação (*karma yoga*), e a devoção amorosa (*bhakti yoga*), ilustrados respectivamente por traços biográficos de Ramaṇa Mahārṣi, M. K. Gandhi e Śrī Caitanya. Por fim, a autora traça um breve histórico não só da literatura *Saṅgham*, mas também dos Ālvārs e dos

⁹ Guerreiro, estadista ou administrador público pertencente à segunda estratificação sócio-ocupacional hindu (*varṇa*) mais elevada, acima do agricultor e/ou comerciante (*vaiśya*) e abaixo do sacerdote erudito (*brāhmaṇa*).

Nāyanārs, destacando suas principais características religiosas baseadas no culto *bhakti*¹⁰ na Índia meridional.

No nono capítulo, *Major Hindu theistic sects* [As principais seitas teístas hindus], Hillary apresenta a história, a distribuição geográfica na Índia, doutrinas, práticas, líderes e textos sagrados das maiores tradições sectárias teístas do Hinduísmo, como os Paśupatas, os Vīraśaivas e o Gorakṣanātha ligados ao culto de Śiva; os Bhāgavatas, o Pañcarātra, os Vaikhānasas, os Gauḍīya Vaiṣṇavas e as tradições vedânticas ligadas ao culto de Viṣṇu; e os modos de culto a Devī no Śaktismo.

No décimo capítulo, *Hindu deities and Purāṇic mythology* [Deidades hindus e mitologia purāṇica], a autora aponta para as subdivisões dos *Purāṇas*¹¹, as cinco principais matérias que lhes são irrevogáveis, e a maneira pela qual articulam uma ênfase maior no teísmo *bhakti* com os processos de “sanskritização” e “universalização” subjacentes às suas composições e com a busca por *mokṣa*. Após mencionar a mudança de protagonismo das divindades nas principais narrativas dos *saṃhitās*¹² das quatro tradições ritualísticas dos *Vedas* para os *Purāṇas*, Hillary dedica-se a uma extensa exposição de iconografias, de locais de devoção, de narrativas mitológicas e suas fontes escritas sagradas com os prováveis fatos históricos que lhes serviram de inspiração, assim como os festivais por toda a Índia, de Śiva, Satī, Pārvatī, Gaṇeśa, Skanda, Viṣṇu, avatāras de Viṣṇu, Sarasvatī, Śrī Lakṣmī, Kālī e Mahādevī Durgā. Além disso, a autora destaca a dinâmica do pluralismo de divindades com a capacidade de inclusivismo das tradições hindus observadas até os dias de hoje.

Hillary destaca, no décimo-primeiro capítulo, *Hindu art and worship rituals* [Arte hindu e rituais de adoração], as aproximações e distanciamentos históricos entre o que denomina de “Grande Tradição” (“Great Tradition”) e “Pequena Tradição” (“Little Tradition”) no que toca à mitologia, ritualística, literatura sagrada, sociedade e valores morais hindus. Em seguida, explica os procedimentos padrões típicos de uma *pūjā*¹³ e

¹⁰ Culto devocional baseado na fidelidade a uma só divindade hindu.

¹¹ Textos sagrados hindus em sânscrito com narrativas mitológicas que abordam ensinamentos védicos baseados em cinco temas principais, i.e. cosmogonia, dissolução e re-criação do universo, genealogias humanas, dimensões cronológicas segundo os *manvāntaras* e contos de personagens genealógicas.

¹² *Samhitā* é uma palavra que designa uma coleção de textos ou versos em sânscrito metodicamente organizados, e.g. os *Brāhmaṇas*, as *Upaniṣads*, os *Śrautasūtras*, os *Gṛhyasūtras*, os *Dharmaśāstras*, os *Itihāsas* etc, assim como os *mantras* das quatro tradições ritualísticas dos *Vedas*, i.e. *R̥gveda*, *Yajurveda*, *Sāmaveda* e *Atharvaveda*, entre outros exemplos.

¹³ Forma ritualizada do culto devocional baseado na fidelidade a uma só divindade hindu (*bhakti*), caracteristicamente pessoal na interação entre o praticante e a divindade cultuada.

de cultos públicos em templos hindus, ressaltando as metodologias rituais implícitas nas diferentes arquiteturas destes templos, dos quais elenca os exemplos mais notáveis. A autora também discute as particularidades rituais dos *pūjāris* e das *devadāsīs*, assim como das principais peregrinações hindus na Índia.

No décimo-segundo capítulo, *Vedānta* [*Vedānta*], Rodrigues discorre sobre aspectos biográficos do filósofo Śaṅkara e sua filosofia da não-dualidade radical (*Advaita Vedānta*), discernindo suas proposições do monismo e destacando a relação entre *Brahman*, *Ātman* e *Māyā*¹⁴. Na sequência apresenta brevemente a vida de Rāmānuja e os princípios de seu não-dualismo qualificado (*Viśiṣṭādvaita*), baseado no teísmo *bhakti* e diverso do pensamento de Śaṅkara. A autora ainda aponta para os motivos e os desdobramentos da divisão de perspectivas e seguidores da tradição Śrī Vaiṣṇava, à qual pertencia Rāmānuja, entre a Escola do Norte (*Vadagalai*) e a Escola do Sul (*Teṅgalai*). Por fim, Hillary discute como Madhva articula filosoficamente as noções de *Brahman*, almas (*jīvātman*) e matéria (*prakṛti*) em seu dualismo (*Dvaita*).

No décimo-terceiro capítulo, *Tantra* [*Tantra*], Rodrigues descreve brevemente as origens históricas do *Tantra*, assim como suas aproximações e distanciamentos de uma ortodoxia védica brāhmaṇica. Além disso, apresenta características textuais de sua literatura sagrada, suas doutrinas e práticas, e também traça um ligeiro histórico acompanhado de apontamentos doutrinários e distribuição geográfica do Śaivism¹⁵ da Caxemira. Após uma explicação teórica do não-dualismo da filosofia tântrica, a autora expõe os significados e as técnicas da *kuṇḍalinī yoga*, discute as implicações ritualísticas das assim denominadas “Via da Mão Direita” e “Via da Mão Esquerda”, a proeminência do feminino nas dimensões mitológica e social na história do *Tantra*, e a relação entre estética, polissemia e religiosidade circunscritas aos *yantras*¹⁶.

A autora enumera, no décimo-quarto capítulo, *Reform and revitalization* [*Reforma e revitalização*], vários exemplos ao longo da história indiana pré-islâmica de articulação e reelaboração de uma ortodoxia brāhmaṇica com várias manifestações de religiosidade oriundas da própria Índia. Em seguida procede a um breve histórico dos

¹⁴ Dentre outras acepções, *māyā* é a realidade compreendida pela percepção humana, este mundo dinâmico e perecível de formas e experiências transitórias que, ao mesmo tempo que oculta a realidade divina transcendental absoluta, é sua manifestação fenomênica.

¹⁵ Complexo de tradições ritualísticas e filosóficas teístas hindus, centradas no culto a Śiva, com acentuada tendência para práticas de ascetismo.

¹⁶ Diagramas de intrincada composição linear, concebidos e planejados como suporte para a meditação, destinados a estimular experiências e visualizações internas profundas de quem os utilize.

primeiros séculos da presença muçulmana na Índia, destacando não apenas aspectos políticos e religiosos em sua convivência com as culturas hindus desde então, mas também casos particulares de sincretismo, como Kabīr, Nanak Dev e o *bauls*. Hillary também apresenta um breve histórico político da presença britânica no subcontinente indiano, dedicando-se a uma ligeira análise das relações entre missionários cristãos e a cultura hindu, elencando alguns exemplos do século XIX, como Ram Moran Roy e o *Brāhmo Samāj*, Dayānanda Sarasvati e o *Ārya Samāj*, e Ramakrishna Paramahansa e a *Ordem Ramakrishna*. A autora prossegue apontando, desde o século XX, para exemplos de diálogo inter-religioso hindu-cristão nas figuras de Henri Le Saux, Bede Griffiths e Raimon Panikkar; para aspectos biográficos, doutrinários e institucionais de Helena Blavatsky, Henry Olcott e sua Sociedade Teosófica, além de Śrī Aurobindo e sua *yoga* integral como exemplos de sistemas religiosos globais em sua envergadura e influência; para a vida e o pensamento de Rabindranath Tagore como ilustração de uma aproximação do Hinduísmo com determinada percepção de humanismo europeu; e, finalmente, para casos bem sucedidos de emprego de categorias religiosas na configuração de uma unidade cultural e social para fins políticos, como Bal Gangadhar Tilak, M. K. Gandhi, o *Hindutva* e o Bharatiya Janata Party, além da própria geografia (sacralizada) indiana e a militância por uma identidade draviḍiana no sul da Índia.

Hillary aponta, no décimo-quinze capítulo, *Hinduism beyond India* [*O Hinduísmo além da Índia*], para exemplos de práticas culturais resultantes de conquistas políticas no passado que ainda testemunham vestígios da expansão de tradições religiosas hindus em países do sul e do sudeste asiático, como Nepal, Camboja, Myanmar, Tailândia e Indonésia, através de rituais, arquiteturas e festivais.

Depois de enumerar alguns momentos históricos de contatos culturais entre realidades indianas e ocidentais, Rodrigues destaca, no décimo-sexto capítulo, *Hinduism and the West* [*O Hinduísmo e o Ocidente*], motivos econômicos, bélicos e políticos para a denominada diáspora hindu nos últimos dois séculos por todo o mundo, apontando traços biográficos, doutrinários e institucionais de líderes e organizações indianas que, nas últimas décadas, têm divulgado teorias e práticas hindus no mundo todo, como Swami Vivekānanda e a Sociedade Vedānta, Maharishi Mahesh Yogi e a Meditação Transcendental, Swami Bhaktivedanta Prabhupada e a Sociedade Internacional para a Consciência de Kṛṣṇa, Swami Sivananda Sarasvati e a Sociedade

da Vida Divina, além de figuras como Jiddu Krishnamurti, T. Krishnamacharya, Gangaji, Ramesh Balsekar, Adi Da e Osho, assim como as diversas maneiras pelas quais estes projetos e biografias foram recebidos.

No décimo-sétimo e último capítulo, *Select themes in Hinduism* [*Temas selecionados do Hinduísmo*], a autora discute como consciência ecológica e reverência pela natureza milenarmente presentes nas atitudes e literaturas sagradas hindus convivem com a defesa do meio ambiente e a crítica à fome humana numa Índia já participe do consumismo de mercado. Hillary também aborda o impacto sócio-religioso no Hinduísmo contemporâneo de figuras como Satya Sai Baba ou os Śaṅkarācāryas, as controvérsias das ideologias de igualitarismo social e de gênero com o sistema de castas, assim como a interferência da tecnologia em algumas características culturais hindus através dos transportes e das comunicações.

O livro ainda conta com dois Apêndices com uma breve linha do tempo do Hinduísmo e um glossário geral com suporte de um guia de pronúncia do sânscrito, além de uma bibliografia sugerida de manuais introdutórios e fontes primárias hindus. Ao longo de toda a obra o leitor tem à sua disposição imagens monocromáticas de mapas, fotos e ilustrações, encontrando ao fim de cada capítulo questões para discussão e bibliografia recomendada.

Uma das características positivas mais marcantes da obra introdutória de Hillary é seu aspecto pedagógico não apenas na apresentação e explicação lógica dos temas exclusivos das culturas hindus, mas também na maneira pela qual a autora aborda dimensões *sui generis* de suas realidades qualitativamente captáveis apenas por meio de uma percepção humana tão polivalente quanto sutil, principalmente quando ela descreve uma situação hipotética, e, ao mesmo tempo, plausível, que uma pessoa muito provavelmente testemunharia ao visitar a cidade de Vārāṇasī ou o sopé do Himalaya no que diz respeito à estrutura social, aos rituais, à vasta mitologia, aos textos sagrados, às divindades e às tradições filosóficas que compõem o que geralmente se denomina de Hinduísmo.

Ao longo de todo o livro, Rodrigues transita com desenvoltura entre metodologias bastante diversas entre si, conjugando de maneira bem sucedida aspectos de definição teórica com hermenêutica de realidades empíricas dos diversos temas em questão. A autora dialoga passado e presente com fluência na exposição de conceitos e

reconhecimento de fatos imprescindíveis para a compreensão das realidades plurais do Hinduísmo. Com efeito, *Introducing Hinduism* se destaca, consideravelmente, na literatura de manuais de introdução ao Hinduísmo, seja pela acessibilidade textual a leitores não ambientados tematicamente ou metodologicamente com os assuntos em questão, seja pela suficiência técnica perceptível pelo olhar de especialistas na área.